



UMA MULHER DE LETRAS NA TRADUÇÃO DE UMA CARTA DE BAUDELAIRE:

O ESPANTO E O IMOBILISMO DE UM ARTISTA PERANTE O GÊNERO FEMININO.

Gilles Jean Abes.¹

Indépendante j'ai vécu, indépendant je vieillirai, indépendant je mourrai.²
Judith Gautier.

Este artigo tem por objetivo analisar a postura do poeta francês Charles Baudelaire perante o gênero feminino. O que motivou tal empreitada foi uma carta do autor das *Flores do mal* endereçada em 9 de abril de 1864 a Judith Gautier, filha primogênita de Théophile Gautier. Trata-se da resposta do tradutor de Edgar Allan Poe ao artigo de Judith que foi publicado, sob o pseudônimo de Judith Walter, no jornal *Le Moniteur* em 29 de março de 1864. Todo o interesse dessa reflexão se situe no espanto produzido sobre o poeta *ex-cêntrico* pelo artigo escrito e publicado por uma moça de apenas 19 anos em pleno século XIX. A reação de surpresa de Baudelaire perante os acertos da jovem produziram nele um questionamento sobre seus próprios preconceitos a respeito do gênero feminino. Esse trabalho busca mais precisamente construir uma análise das razões de seu espanto, na perspectiva do cotejo entre o olhar de um poeta inovador, considerado de grande inteligência e sensibilidade, e da situação da mulher no século XIX, assim como, do *marginal/estrangeiro* que o autor dos *Paraísos artificiais* foi. Assim sendo, como entender a postura de Baudelaire - intelectual, poeta e renomado crítico – no que tange ao gênero feminino? O que nos diz seu espanto frente à capacidade de Judith Gautier de compreender *Eureka* com apenas 19 anos de idade? O conhecimento se daria a partir de uma violência (espanto) sobre si mesmo? O que significa a desculpa do poeta no final da carta revelando certo imobilismo em seus preconceitos contra a mulher? Eis as questões que surgiram ao contato desta valiosa epístola baudelairiana e às quais tentar-se-á responder nesse artigo.

Após essa primeira contribuição à literatura, a filha de Théo, Louise Charlotte Ernestine Gautier, dita Judith Gautier, seguirá os passos do pai ao tornar-se uma renomada escritora, tradutora e intelectual em sua época. Nascida em Paris no dia 25 de agosto de 1845, faleceu em

¹ Doutorando na área de Estudos da tradução do PGET pela Universidade Federal de Santa Catarina.

² Independente eu vivi, independente envelheço, independente morrerei. (Trad. de minha autoria)



Saint-Énogat (hoje Dinard) no dia 26 de dezembro de 1917, não antes de deixar uma vasta obra composta de traduções de poemas chineses e japoneses, romances, contos, novelas, artigos, peças e três volumes autobiográficos.

Judith Gautier obteve certo sucesso na publicação da obra *Le livre de jade* em 1867, tradução de poemas chineses antigos sob a supervisão de um preceptor chinês, Ding Dunling, refugiado político que Théophile Gautier acolhera em sua casa. A influência desse preceptor foi determinante na obra de Judith que publicará um grande número de livros ambientados no oriente, tendo sido iniciada à literatura e à civilização do Império de Meio. No mais, a casa paterna se assemelhava a um círculo literário-intelectual, sendo frequentado por personalidades como Théodore de Banville, Gustave Flaubert, Edmond de Goncourt, Champfleury, Arsène Houssaye, Gustave Doré, Catulle Mendès e Charles Baudelaire, entre outros. A “plus belle de mes poésies” (mais bela de minhas poesias), como disse seu pai, teve uma infância de grande liberdade, da qual fala em sua autobiografia *Le Collier des jours* (1904), tendo sido internada no pensionato Notre-Dame-de-la-Miséricorde mais tarde. Ao retornar junto aos seus, demonstra talentos originais e passa a frequentar esse famoso círculo literário.

Um evento importante marcará toda a família Gautier e, particularmente, Judith: seu casamento com o escritor Catulle Mendès em 1866. Seu pai prevera o infortúnio da filha opondo-se a esse matrimônio na época. Essa relação resultou não somente na separação de Judith e Catulle em 1874 (o divórcio ocorrerá mais tarde assim que a lei o permitiu), mas também na separação dos seus pais, pois sua mãe, Ernesta Grisi, defendeu sua filha contra o marido. Essa relação infeliz com o escritor teria acentuado seu caráter independente, principalmente, no que se refere ao gênero masculino.

Após compor sua vasta obra, defender Richard Wagner, se interessar à pintura e à modelagem, Victor Hugo dedicar-lhe um poema em 1872, seu romance *L'usurpateur* ser coroado pela Academia Francesa em 1875, a escritora será consagrada em outubro de 1910 sendo a primeira mulher a ser eleita para a Academia Goncourt.

Antes mesmo de ser conhecido como poeta com a publicação em 1857 de seu único volume de poemas em verso, *As flores do mal*, Charles Baudelaire forjou uma reputação de crítico de arte, notadamente com a publicação dos Salões de 1845 e 1846, consagrando-se posteriormente como um dos mais importantes críticos do século XIX. Seu saber se estabeleceu na reflexão e observação nos museus, ateliês, salões e cafés, em suma, ao contato de pintores, artistas e intelectuais de sua



época. Robert Kopp³ destaca sua originalidade com veemência, pois, segundo ele, apesar da possível aproximação com os Salões de Diderot e de Stendhal, Baudelaire soube criar uma crítica permeada pela originalidade de seus comentários. O poeta em devir estava à procura do original, do novo, atacando assim os acadêmicos imitadores dos mestres e resgatando artistas ditos “inferiores” tal Corot ou Rousseau.

É nesse ponto que surge uma interrogação: Como um intelectual cuja inteligência e sensibilidade foram louvadas por André Gide ou Paul Valéry⁴, *estrangeiro* nessa ou em qualquer sociedade do século XIX, que renovou profundamente a poesia e a crítica de seu tempo, não pôde se libertar de seus preconceitos relativamente à gente feminina?

O primeiro motivo pode parecer uma tautologia, mas é fundamental: Baudelaire foi educado em uma família burguesa. Ora é justamente no século XIX que se fortalece a noção de família que se fundamenta em uma reação à decadência moral e espiritual setecentista. Esta passou a ser o centro de uma luta para reformar os hábitos e a moral. Na Inglaterra, onde se temia as consequências da Revolução Francesa, os evangélicos consideram-na como a “pequena igreja” e os puritanos como o “pequeno Estado”. Daí decorre uma separação com intensidade jamais vista até então nas tarefas e nos papéis do homem e da mulher, reservando para o gênero feminino os cuidados do lar, domínio do privado, já que o público era considerado subversivo. Até mesmo os revolucionários franceses mais encarniçados recuaram, após estabelecerem leis sobre o divórcio, a não supremacia conjugal do marido, o respeito aos direitos dos filhos naturais, e impuseram um limite intransponível mostrando claramente que as mulheres estavam do lado privado. Esse primeiro impulso verdadeiramente revolucionário será retomado apenas em 1970 pelas leis francesas sobre a família. A lei sobre o divórcio de 11 de julho de 1975, por exemplo, tornou o procedimento tão fácil quanto em 1792.

Baudelaire não cumpre com as regras de conduta exaltadas pela burguesia em sua vida de dândi, em total desrespeito com as noções de trabalho, família e dinheiro. A dignidade e até mesmo a masculinidade passam pela boa gestão desses conceitos. Não somente dedica sua carreira às letras como se inspira, como afirmou seu padasto, “nos esgotos de Paris”, se endivida, vive com uma mulata que não desposará e com a qual não terá filhos. Ele representa, portanto, a anomalia no círculo sagrado, uma fonte de vergonha que deve ser apartada. E num século em que um filho se

³ Kopp, Robert. *Baudelaire: Le soleil noir de la modernité*. Paris : Gallimard, 2004.

⁴ Ao falar de Baudelaire, Paul Valéry descreve sua “intelligence critique” associada a sua “vertu de poésie”. Ele lembra que o poeta parisiense tinha uma “sensibilidade aguda”. André Gide reconhece no poeta de *As flores do mal* “a mais admirável inteligência crítica de sua época”, assim como em Stendhal. Cf. Valéry, Paul. *Variétés I et II*. Paris: Gallimard, 1924, 1930. p. 231-232. Gide, André. *Morceaux Choisis*. Baudelaire et M. Faguet. Paris, NRF, 1924. p. 131.



torna objeto de amor tomando-se, por exemplo, o luto quando a criança morre (a partir de 1850), Baudelaire deve se deparar concomitantemente com expectativas esmagadoras. Ao romper com a autoridade absoluta, torna-se um “mau filho” cujo peso carregará em sua vida de marginal. Quando as ambições da família desmoronam:

O filho se sente culpado. O adulto nunca acaba de pagar a dívida e de remoer sua traição. Lembre-se de Baudelaire, que nunca deixou de sentir remorso em relação à mãe, madame Aupick. Ou Van Gogh, que, em sua correspondência com o irmão Theo, manifesta a revolta desesperada do “mau filho”. Fonte de angústia existencial, o totalitarismo familiar oitocentista é, sob muitos aspectos, profundamente neurótico.⁵

Pois os dândis, boêmios, solteiros e solitários são considerados marginais, são suspeitos perante a missão moralista da família e de toda a sociedade. De formas diversas, o dandismo e a boemia constroem um modelo simetricamente oposto aos ideais burgueses. Sua relação com tempo e espaço constitui um total desrespeito à conduta exigida: vida noturna, sem horários, tendo a cidade, os cafés, as mais novas avenidas e passagens como palco. Frequentemente são indivíduos perseguidos pelos credores e oficiais de justiça, nômades por necessidade e, assim, não possuem por muito tempo o sonho sagrado do lar apaziguador. O dandismo é uma ética, uma concepção de vida que eleva o celibato e o *flâneur* a uma trincheira de resistência contra os ideais eleitos pela sociedade do século XIX, principalmente, contra sua hipocrisia. Esse tipo de atitude singular, assim que é qualificada de excêntrica, distancia o sujeito do centro das expectativas – do cerne da família, da sociedade e do Estado – que o torna *ex-cêntrico*, não centrado, e sob o impulso de toda sua força, leva-o às margens da conduta: à marginalidade. Assim sendo, Baudelaire foi marginalizado pelas suas escolhas. No entanto, herdou alguns valores dessa família na qual viveu até seus 21 anos de idade e com a qual teve um bom relacionamento até o momento em que sua individualidade irrompeu.

Devemos observar qual é o papel dessa herança na formação dos sujeitos, quais são os resquícios dos discursos que o formam para melhor entender os limites de sua reflexão, de seu conhecimento, notadamente, do mundo no qual deambula. Fica claro, por exemplo, o valor da educação religiosa na obra de Baudelaire e certamente pode-se constatar traços burgueses na sua visão de mundo, apesar dele mesmo ter sido marginalizado por esses ideais. Eis todo o interesse de sua situação, dilacerado entre o capitalismo nascente, o sucesso associado à idéia de produtividade concreta, a hipocrisia dos moralistas defensores da tríplice família/Estado/trabalho e sua visão de poeta lírico, de dândi e intelectual sem concessões para os defeitos humanos, inclusive os seus.

⁵ Perrot, Michelle. (Org.) *História da vida privada, 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Tradução Denise Bottmann, Bernardo Joffily – São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p.147.



Não se falará aqui de sua visão da mulher em seus poemas ou a maneira que canta suas musas, mas dirigi-se o olhar para seus comentários em sua epístola para Judith Gautier, pois estes são assaz reveladores de sua visão do gênero feminino na sociedade de sua época. Abordemos alguns trechos para observar sua postura. Baudelaire começa sua carta revelando que sua primeira impressão foi o espanto (*l'étonnement* em francês) e que seu amigo Théophile tinha uma filha realmente digna dele. Mas o poeta vai muito além afirmando que esse espanto tinha por fonte o fato de uma mulher, ainda mais com apenas 19 anos de idade, ter compreendido tão bem *Eureka*, coisa que até ele mesmo talvez não teria conseguido e muitos homens de letras maduros jamais realizariam. Esse artigo escrito por Judith acabou por impelir o autor das *Flores do mal* à dúvida. O espanto prazeroso que provou se assemelha a um choque sobre seu conhecimento/pensamento a respeito das mulheres.

Em sua análise, tão correta, de *Eureka*, você fez o que na sua idade eu talvez não tivesse sabido fazer, e o que numerosos homens maduros, e que se dizem letrados, são incapazes de fazer. Enfim, você me provou o que de bom grado teria julgado impossível, é que uma moça pode encontrar nos livros divertimentos sérios, bem diferentes daqueles, tão tolos e tão vulgares que preenchem a vida de todas as mulheres. Se não temesse ainda ofendê-la ao denegrir seu sexo, eu lhe diria que me forçou a duvidar das feias opiniões que eu mesmo forjei a respeito das mulheres em geral.⁶

Há outro fator que deve ser levado em consideração. A mãe dele era o exemplo mesmo do modelo da mulher burguesa, assim como a maioria das mulheres com quem teve contato em uma sociedade que o poeta frequentemente condenava. Eis o poderio dos discursos sobre os sujeitos que moldam, em grande parte, a normalidade e as convenções de seus atos. Os exemplos que Baudelaire podia ter não deviam causar-lhe muitas dúvidas a respeito de seus preconceitos sobre o gênero feminino. Mulheres e homens eram obrigados a interpretar os papéis impostos por essa sociedade, aos quais muitos *marginais* não se adequavam. O poeta devia ver as mulheres um pouco como o fez a personagem de Natanael no conto “Der Sandmann” (O homem de areia) de E.T.A. Hoffmann ao descobrir que Olímpia não passava de uma boneca sem vida feita de um mecanismo. Trata-se de uma imposição de conduta, de certa forma mecânica, pois repetida de pais para filhos visando o bem dessa comunidade chamada “família”. Essas trajetórias impostas pelo conjunto esmagavam a individualidade, ainda mais no caso da mulher que não podia se tornar posteriormente mestre entre os seus. Não por acaso, Judith Gautier encantava a todos nesse círculo de artistas e intelectuais, pois era considerada de grande beleza, tal Olímpia, mas tinha algo incomum a oferecer além de tocar piano e fazer crochê. Ela foi admirada pela sua originalidade, sua inteligência e seus dotes artísticos. Certamente, deve-se isso a uma mudança de discurso por parte de seus pais. Daí a

⁶ Baudelaire, Charles. *Correspondance*. Choix et présentation de Claude Pichois et Jérôme Thélot. Paris: Gallimard, 2000. p. 299-300.



surpresa de Baudelaire, que buscava escapar do peso entediante do cotidiano cuja monotonia era para ele esmagadora e fonte de grande tédio. A senhora Aupick, mãe do autor dos *Pequenos poemas em prosa*, consciente ou inconscientemente e apesar de ter evoluído na sua forma de pensar ao longo do tempo e do convívio epistolar com Charles, defendia os pilares da burguesia, inclusive contra as escolhas do próprio filho. Paradoxalmente, Baudelaire sofreu por causa desses ideais, mas não conseguiu escapar totalmente deles, o que nos leva a refletir sobre essas heranças e seu papel no pensamento.

Em suma, Charles Baudelaire é fruto dessa família modelo, sendo seus padrasto, mãe e meio-irmão (Alphonse Baudelaire) grandes defensores dos bastiões burgueses: família, trabalho e pátria. Percebe-se claramente em seus escritos, notadamente sua correspondência, uma situação paradoxal relativamente a esses valores: a marca é tão profunda – tal o selo sobre a cera quente – que o poeta não consegue se libertar totalmente, por mais que tenha rompido o lacre.

No que concerne o pensamento, esses substratos dos discursos certamente o contaminam, conduzindo-o, em certa medida, para derivas incertas. O espanto causado por Judith em Baudelaire provoca um momento de desarranjo da ordem, uma desordem que se imiscui no abalo da ordem. Há vertigem no desequilíbrio da razão como forçado a dar um novo giro no carrossel, vertigem que provoca muitas vezes desconforto e apreensão fazendo com que a dúvida seja aceita ou rejeitada. A razão se embate ao seu próprio limite até a fragmentação e na sua impotência, no acaso de reflexão outra, se produz uma alteridade. Como aponta justamente Gilles Deleuze, na sua leitura da *Recherche* de Marcel Proust:

Um dos temas em que Proust mais insiste é este: a verdade nunca é o produto de uma boa vontade prévia, mas o resultado de uma violência sobre o pensamento. [...] A verdade depende de um encontro com alguma coisa que nos força a pensar e a procurar o que é verdadeiro.⁷

Assim, se todo pensamento emite um lance de dados, como afirma Stéphane Mallarmé, nesse percurso aleatório, *un pas au-delà*⁸ é dado: como em barco ébrio, uma deriva se opera na brecha de uma incompletude. Charles Baudelaire pode ter ido ou não além em sua forma de enxergar o gênero feminino, como se pode constatar em uma frase de sua carta: “cheguei a uma idade na qual não se sabe mais se corrigir, [...]”. Não obstante, sua missiva faz com que resgatemos e debatemos a importante obra de Judith.

⁷ Deleuze, Gilles. Proust e os signos. Tradução de Antonio Piquet e Roberto Machado. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 15.

⁸ Há aqui um jogo de palavras na dubiedade do termo francês “pas”, que significa “passo”, mas que é elemento formador da forma negativa. A frase pode assim ser lida, *um passo além* ou *um não além*, situação que parece ser apropriada à postura de Baudelaire.



Por sua vez, Judith Gautier o obrigou a duvidar, o que em si já deixa um valioso espaço para que um passo seja dado.

Bibliografia

BAUDELAIRE, Charles. *Correspondance*. Choix et présentation de Claude Pichois et Jérôme Thélot. Paris: Gallimard, 2000.

GIDE, André. *Morceaux Choisis*. Baudelaire et M. Faguet. Paris, NRF, 1924.

KOPP, Robert. *Baudelaire: Le soleil noir de la modernité*. Paris: Gallimard, 2004.

PERROT, Michelle (Org.). *História da vida privada, 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Tradução Denise Bottmann, Bernardo Joffily – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

VALERY, Paul. *Variétés I et II*. Paris: Gallimard, 1924, 1930.

Sites consultados sobre Judith Gautier:

<http://www.remydegourmont.org/vupar/rub2/gautier/notice01.htm>

<http://www.biographie.net/Judith-Gautier>

<http://www.ville-dinard.fr/biblio/pdf/judith.pdf>

<http://www.culture.gouv.fr/culture/actualites/communiq/donnedieu/histoirefemina.htm>

http://fr.wikipedia.org/wiki/Judith_Gautier

Anexos:

Carta de Baudelaire (em francês e tradução em português).

À Judith Gautier

[Paris,] 9 avril 1864.

Mademoiselle,

J'ai trouvé récemment chez un de mes amis votre article, dans *Le moniteur* du 29 mars, dont votre père m'avait, quelque temps auparavant, communiqué les épreuves. Il vous a sans doute raconté l'étonnement que j'éprouvai en les lisant.

A Judith Gautier

[Paris,] 9 de abril de 1864.

Senhorita,

Achei recentemente na casa de um dos meus amigos seu artigo, no *Le Moniteur* do dia 29 de março, do qual seu pai tinha, algum tempo antes, me comunicado as provas. Ele lhe contou sem dúvida o espanto que senti lendo-as. Se



Si je ne vous ai pas écrit tout de suite pour vous remercier, c'est uniquement par timidité. Un homme, peu timide par nature, peut être mal à l'aise devant une belle jeune fille, même quand il l'a connue toute petite, - surtout quand il reçoit d'elle un service, - et il peut craindre, soit d'être trop respectueux et trop froid, soit de la remercier avec trop de chaleur.

Ma première impression, comme je l'ai dit, a été l'étonnement, - une impression toujours agréable d'ailleurs. Ensuite, quand il ne m'a plus été permis de douter, j'ai éprouvé un sentiment difficile à exprimer, composé moitié de plaisir d'avoir été bien compris, moitié de joie de voir qu'un de mes plus vieux et de mes plus chers amis avait une fille vraiment digne de lui.

Dans votre analyse, si correcte, d'*Eureka*, vous avez fait ce qu'à votre âge je n'aurais peut-être pas su faire, et ce qu'une foule d'hommes très mûrs, et se disant lettrés, sont incapables de faire. Enfin, vous m'avez prouvé ce que j'aurais volontiers jugé impossible, c'est qu'une jeune fille peut trouver dans les livres des amusements sérieux, tout à fait différents de ceux, si bêtes et si vulgaires, qui remplissent la vie de toutes les femmes.

não lhe escrevi imediatamente para agradecê-la, é unicamente por timidez. Um homem, pouco tímido por natureza, pode ficar incomodado perante uma

bela moça, mesmo quando ele a conheceu bem pequena, - sobretudo quando dela recebe um serviço, - e ele pode temer, seja de ser por demais respeitoso e por demais frio, seja de agradecê-la com demasiado calor.

Minha primeira impressão, como disse, foi o espanto, - uma impressão, aliás, sempre agradável. Em seguida, quando não me foi mais permitido duvidar, experimentei um sentimento difícil de expressar, composto metade de prazer de ter sido tão bem compreendido, metade de alegria por ver que um dos meus mais velhos e mais caros amigos tinha uma filha verdadeiramente digna dele.

Em sua análise, tão correta, de *Eureka*, você fez o que na sua idade eu talvez não tivesse sabido fazer, e o que numerosos homens maduros, e que se dizem letrados, são incapazes de fazer. Enfim, você me provou o que de bom grado teria julgado impossível, é que uma moça pode encontrar nos livros divertimentos sérios, bem diferentes daqueles, tão tolos e tão vulgares, que preenchem a vida de todas as mulheres.



Si je ne craignais pas encore de vous offenser en médissant de votre sexe, je vous dirais que vous m'avez contraint à douter moi-même des vilaines opinions que je me suis forgées à l'égard des femmes en général.

Ne vous scandalisez pas de ces compliments si bizarrement mêlés de malhonêtetés ; je suis arrivés à un âge où l'on ne sait plus se corriger, même pour la meilleure et plus charmante personne.

Croyez, Mademoiselle, que je garderai toujours le souvenir du plaisir que vous m'avez donné.

CHARLES BAUDELAIRE.⁹

Se não temesse ainda ofendê-la ao denegrir seu sexo, eu lhe diria que me forçou a duvidar das feias opiniões que eu mesmo forjei a respeito das mulheres em geral.

Não fique escandalizada com esses elogios tão bizarros por se mesclarem a desonestidades; cheguei a uma idade na qual não se sabe mais se corrigir, até mesmo para a melhor e mais encantadora pessoa.

Creia, Senhorita, que sempre conservarei a lembrança do prazer que você me deu.

CHARLES BAUDELAIRE.

Fotografia de Judith Gautier por Nadar (1875).

⁹ Baudelaire, Charles. *Correspondance*. Choix et présentation de Claude Pichois et Jérôme Thélot. Paris : Gallimard, 2000. p. 299-300.



Judith Gautier-Mendès
(1846-1917)
par Nadar (Paris, 1875)